

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



PROMOÇÃO DA VIDA COM SABEDORIA: RELAÇÕES POLÍTICO- PEDAGÓGICAS ENTRE EDUCAÇÃO PARA TODOS E TODAS E *BIOFISIA*

Gabrieli Schäffer; gabrielischaffer2020@gmail.com; Doutoranda em
Educação (bolsista capes) URI-FW
Claudionei Vicente Cassol; cassol@uri.edu.br; Orientador URI-FW.

Modalidade: Artigo

Área Temática: Educação Inclusiva, Equidade e Acessibilidade Digital

Resumo:

Compreendemos que a busca por modificações no campo da educação, desde os conhecimentos considerados cientificamente importantes até as formas de avaliar a qualidade educacional, na dimensão nacional e internacional, as políticas públicas, a educação de formação integral, as instâncias sócio-políticas e a cidadania, parecem garantir movimentos de pensar e reflexões sobre os caminhos da educação, bem como uma certa qualidade humanista e científica no ensino e na aprendizagem e conduzem os/as estudantes a uma condição cidadã. Portanto, buscamos identificar como a educação para todos e todas com o intuito de formar os indivíduos integralmente necessita compreender a influência do processo de ensino e aprendizagem na realidade social dos/das estudantes. Acima de tudo, é preciso, em educação para todos e para todas, uma metodologia e objetivos de educação integral – ciência e humanidade –, comprometida com pensar a vida, considerar a condição humana e visualizar o horizonte da dignidade humana, não sem a consciência da condição humana. Ao propor análises, investigações e compreensões do papel exercido pela escola na formação humana de estudantes, a presente pesquisa desenvolve-se com metodologia básica realizada com análise bibliográfica e documental, com os métodos hipotético dedutivo e dialético-hermenêutico, com objetivo de dissertar sobre a dimensão pedagógica e cotidiana da educação para todos e todas como possibilidades político-pedagógica de promoção de vida com sabedoria. Portanto, que seja uma educação direcionada a uma vida com felicidade, compreendida aqui como a valorização de todos os momentos e experiências do nosso cotidiano. Trata-se de uma educação em que a ciência, o desenvolvimento intelectual e emocional, as reflexões, as possibilidades de conhecer e a sabedoria são para todos e todas.

Palavras-chave: Educação para todos e todas. Educação integral. Biosofia.
Políticas Públicas.

Introdução



A busca por modificações no campo da educação, desde os conhecimentos considerados cientificamente importantes até as formas de avaliar a qualidade educacional, na dimensão nacional e internacional, as políticas públicas, a educação de formação integral, as instâncias sócio-políticas e a cidadania, parecem garantir movimentos de pensar e reflexões sobre os caminhos da educação, numa certa qualidade humanista e científica no ensino e na aprendizagem, bem como conduzir os/as estudantes à uma condição de sujeitos. Desse modo, instigar os/as estudantes a refletir sobre as suas vivências em busca de situações que possam conduzir a resultados positivos diante dos problemas vivenciados e que se encontram para resolução é interessante tanto para a educação quanto para a *biosofia*. Mas, acima de tudo, é preciso, em educação para todos e para todas, com metodologia e objetivos omnilaterais, de integralidade, preocupada com pensar a vida em sentido ampliado, considerar a condição humana e visualizar o horizonte da dignidade humana, não sem a consciência da condição humana.

Logo, desejamos desenvolver a pesquisa a partir da temática da educação para todos e para todas, defendida em documentos, legislações e discursos daqueles e daquelas que criam, modificam e implementam as normativas capazes de assegurar políticas públicas, tanto a nível internacional quanto nacional. Que ela não seja apenas retórica, mas realidade e que implique a participação cada vez maior dos indivíduos nos debates e decisões, visto compreendermos que a vida é relação complexa de fronteiras relativas, que implica tudo, todos e todas. Visualizamos, neste ponto, uma lacuna na aplicação, na factibilidade da legislação e no conjunto da gestão educacional: aquilo que é defendido como ideal se distancia cada vez mais do real. Desse modo, compreender as dificuldades discentes e docentes para transformar o cotidiano escolar, para trabalhar as principais temáticas que são necessidades vitais e urgentes, pode constituir significados e propostas para mudanças nos currículos da formação inicial e da formação permanente. Compreendemos, assim, que a distância entre o aprendizado na formação inicial nas universidades, para docentes, e a aplicabilidade das teorias no cotidiano da sala de aula, das escolas e das vivências, também é primordial para os/as professores/as. Além disso, é importante estudar como professores e professoras desenvolvem a inclusão de seus/suas estudantes, considerando todos os alunos e todas as alunas. Não somente alunos/as



com deficiência, mas todos e todas que sentem e demonstram estar com dificuldades em considerar a aprendizagem como algo importante e significativo, a fim de criar situações em que possam ser considerados sujeitos, desenvolvam uma identidade, e que participem dos seus aprendizados como contribuintes para resolver situações do cotidiano, tanto de ordem pessoal quanto coletiva, de âmbito social, político, econômico e cultural.

Reflexões iniciais sobre o viver

O ato de viver é estar em permanente movimento, não é algo estático, pronto, mas algo que acontece no dia a dia. Conceituar a temática da vida na compreensão filosófica é uma possibilidade de pensar a sua complexidade. Muitos filósofos distinguiram, segundo Mora, a vida como vida orgânica e a vida de acordo com o modo que ela é vivida pelo homem. Assim, “a vida como modo humano de ser era principalmente a vida ‘prática’ [...] Esta incluía também a vida ‘moral’, entendida como o viver de acordo com os melhores costumes e normas de convívio social”. (Mora, 2005, p. 3015). Nesse sentido, a vida não é nenhuma substância, é atividade pura. Não tem uma natureza como as coisas que já estão feitas, mas tem de se fazer constantemente a si mesma. Por esse motivo, a vida é escolha. Nesta escolha inevitável se encontra o fundamento da preocupação, do ser da vida como afazer, de sua projeção ao futuro. (Mora, 2005).

Por isso, a vida nunca é algo determinado e fixo num momento do tempo, mas consiste neste contínuo fazer-se, nesta marcha rumo ao que ela mesma é, rumo à realização de seu programa, isto é, de sua mesmidade. (Mora, 2005). De acordo com Abbagnano (1999, p. 963), vida é “a característica de determinados fenômenos de se produzirem ou se regularem por si; ou a totalidade de tais fenômenos”. O autor afirma que desde a antiguidade, caracterizam-se os fenômenos da vida conforme a autonomia dos seres vivos para se moverem, de modo aparente independentemente do meio externo. Platão considerava a vida e a alma, pois para ele era próprio da alma a sua mobilidade por conta própria. Aristóteles compreendia por vida nutrir-se, desenvolver-se e destruir-se, originando-se por si mesmo, além de acreditar na vida como potência/princípio através do qual possibilita a diminuição ou crescimento e direções opostas.



Plotino, na interpretação de Abbagnano, entendia que toda vida é dependente de pensamento, o qual é interdependente porque implica relações entre pensamentos e circunstâncias, relações entre indivíduos e os elementos do cosmos. Ele destaca a perspectiva moral do pensar e, portanto, do conhecer, da ciência.

O conjunto de fatores, motivações, circunstâncias e implicações do pensar, da ação racional, sugere a possibilidade de ampliação das temáticas, do alcance e da necessidade de alargamento do conhecimento. Ao incorporar o conhecer e os seus elementos, os objetos conhecidos, o sujeito que conhece e as possibilidades de transcendência que são inauguradas pela racionalidade, acreditamos que se instala, nas apropriações e interpretações dos conceitos que antecedem este momento, uma sabedoria. Ao compreender-se contingente, incapaz da absorção do todo e de tudo, não cessa o movimento de busca, de pesquisa, de compreensão da complexidade das relações que significam tanto a vida quanto a sabedoria. Aí se constitui, em nossa compreensão, a *biosofia*, não somente como uma filosofia que pensa a sabedoria, que é amiga e apaixonada pelo conhecimento, mas que insere a vida, em interpretação e significado mais amplo, integral e cosmológico.

Metodologia

Ao propor análises, investigações e compreensões do papel exercido pela escola na formação humana de estudantes, a presente pesquisa desenvolve-se com metodologia básica realizada com análise bibliográfica e documental, com os métodos hipotético dedutivo e dialético-hermenêutico, com objetivo de dissertar sobre a dimensão pedagógica e cotidiana da educação para todos e todas como possibilidades político-pedagógica de promoção de vida com sabedoria.

Dentro desse contexto, o método hipotético-dedutivo se revela como uma ferramenta significativa de análise, visto que o documento oferece — mesmo que de maneira hipotética — uma direção que visa à inclusão e a uma política educacional que seja democrática, abrangente e integral. Portanto, nossa intenção é entendê-lo como uma oportunidade para fomentar uma educação que promova a autonomia, que, em nossa visão, é interpretada como um modo de viver de forma sábia, com a capacidade de refletir sobre si mesmo, sobre a coletividade e sobre



o pleno desenvolvimento dos indivíduos e suas interações com os outros e com a totalidade da vida. Assim, trata-se de uma percepção que ultrapassa visões simplistas ou superficiais, valorizando uma construção do conhecimento que é consciente e responsável. Nesse aspecto, também identificamos possíveis manifestações de protagonismo científico que se alinham à ideia de biosofia.

Neste trabalho, utilizamos tanto a abordagem dialética e crítica quanto a hermenêutica e interpretativa como maneiras de elucidar as mensagens, narrativas e significados existentes. Essas metodologias nos possibilitam, ainda, refletir sobre as potencialidades de aprimoramento da educação, dos processos educativos e das interações entre o saber e o cotidiano das pessoas. Com base em uma visão de educação integral, pretendemos, assim, debater significados que favoreçam uma vida pautada pela sabedoria — o que, em nossa perspectiva, pode ser entendido como biosofia, um direito que pertence a todos e todas.

Resultados

Nosso esforço para encontrar um sentido ao termo *biosofia* não quer fragmentar a filosofia enquanto conhecimento, reflexão, modo de vida, atitude de compreensão do mundo e de mundo, sabedoria a serviço do ser humano, como compreenderam os mais antigos e outros(as) que ainda podem compreender hoje. Também, não queremos retirar da filosofia seus sentidos de uso da sabedoria em benefício do ser humano. Propormos o debate no sentido de teorizar, pesquisar e compreender a *biosofia* como uma sabedoria de/para a vida.

Logo, uma sabedoria de vida, ainda que não considere o mundo acadêmico, a ciência, como sua base única, que se desenvolva independente da ciência formal, das erudições, que não exclui a escola e a academia. A sabedoria é uma habilidade racional humana, uma virtude, o modo como desfrutamos da vida, por isso, se constitui como constante reflexão, compreensão e atitude de manutenção e defesa da vida humana e dos demais elementos do cosmos em relação de interdependência.

A *biosofia* pode ser uma filosofia despertada pela reflexão cotidiana que, talvez, como tem ocorrido entre os gregos antigos, faça perguntas mais amplas, mais imediatas, mas enquanto sabedoria que começa a se desenvolver a partir das existências individuais, dos contextos, das



situações e preocupações dos indivíduos, reconhece desde o mundo cotidiano até a necessidade de aprofundar, de conhecer mais e de cuidar. Esse cuidar que transporta uma preocupação com a existência, com a vida e com o cosmos mais próximo primeiramente e, depois, segue para compreender os movimentos, as complexidades, as ambivalências do pensar, da necessidade de mais reflexão e de mais compromisso com todos os elementos que implicam as existências.

De acordo com Claudionei Vicente Cassol (2022, p. 79), a “Biosofia é compromisso com a vida [...]”. Considerar a *biosofia* como um neologismo, de sentidos relacionados com a práxis, sem intenção de ser simplificado ou estruturado em dogmas, propõe colocar-se na conjectura teórica de reflexões para um pensar ampliado que agrupe e envolva a complexidade de elementos que representam e signifiquem a vida, envolvem e envolverão a vida considerada um acontecimento único no cosmos. O autor teoriza a sabedoria de vida como algo potente para a compreensão ampliada do sentido de vida, considerada, aqui, em toda a complexidade do cosmos, sua potencialidade, com a possibilidade de atender as necessidades e diversidades da vida humana. A sabedoria, segundo o autor, “precisa estar envolvida ininterruptamente na práxis diária; não é permitido deixar para depois à medida que essa possibilidade, quando se trata de *biosofia*, de sabedoria de vida, implica diretamente o cuidado com o/a outro/a, com a vida”, com o mundo (Cassol, 2022, p. 79). O cuidado com a vida tanto pessoal quanto coletiva, em meio a uma sociedade que prioriza o individualismo e que incentiva a competição, para a sabedoria de vida apresenta-se como “a vida que se percebe sendo consumida e, com ela, a possibilidade da justiça, do cuidado, do ético, da igualdade e da equidade, das oportunidades, espaços e tempos para a diferença de ser, de entendimentos, de compreensões, modos e vias” (Cassol, 2022, p. 79).

Os seres humanos estão em evolução constante, o que possibilita uma aprendizagem contínua em todas as vivências para crescermos pessoal e socioculturalmente. Essa evolução, de acordo com Vani, sugere a importância de colocar-se um sentido na vida, com práticas gentis e solidárias, a fim de buscar o bem de todos e todas, que parece aproximar-se das conceituações de vida com sabedoria. Pensar e almejar o bem comum de todos e todas é uma possibilidade de concretizar, segundo Vani (2022, p. 123), uma “visão de mundo com um novo paradigma de solidariedade no qual se concretize a comunidade humana com seres humanos generosos e



respeitadores da pluralidade, da diversidade, dos modos de vida, da sua sensibilidade e das identidades”. Incitar o desenvolvimento de práticas e hábitos de cuidado consigo mesmo e com os(as) outros(as), pode possibilitar a criação de “laços afetivos que nos permitam vínculos entre os semelhantes e resultem na efetivação de práticas solidárias” (Vani, 2022, p. 123).

A sabedoria de vida, ou *biosofia*, parece solicitar ações empáticas, para reconhecer e respeitar todos e todas, com pensamentos e ações solidárias sobre como “juntos a partir da singularidade de cada um, formamos o nós, ou, de algum modo a essência do humano e abrimos a possibilidade da qualificação da condição humana, via reflexão, diálogo, educação e solidariedade” (Vani, 2022, p. 124). A autora apresenta o viver solidário como algo da essência humana, o que pode dar sentido à vida de todos e todas e, também, das diversas e diferentes formas de vida. Ela considera, desse modo, que ao valorizar a vida dos semelhantes, possibilitamos o encontro de todos e todas consigo. A sabedoria de vida surge como possibilidade de viver e conviver em uma sociedade mais humanista, pois compreende os indivíduos em sua busca constante de valorização individual e coletiva. Nessa perspectiva, a solidariedade surge como o “gérmen fundamental e precípua da relevância para com o outro/a outra, é o princípio da responsabilidade recíproca. É gesto que influencia as sociedades humanas, as relações dos humanos” e, ao ser praticado, “permite amor e a vida, promove, a partir do *eu*, a gênese do *nós*, o reconhecimento do outro/da outra desde a sua outreidade” (Vani, 2022, p. 125).

Essas compreensões podem nos ajudar a entender que a *biosofia* não é um movimento, uma ciência que quer ocupar o lugar da filosofia, mas talvez um recorte da filosofia com uma proximidade maior do cotidiano das pessoas, uma reflexão que parte das necessidades mais imediatas, mais emergentes e que pode seguir um itinerário de amplitude e profundidade. Saber que o mundo não se resolve no imediato, mas é nele que a existência acontece. A partir dessas percepções, a sabedoria que é da vida, da existência, do cotidiano, pode indicar, sugerir e exigir a necessidade de um conhecer mais sistemático, a partir do qual se possa ver a escola, a ciência e pesquisas de maior intensidade acadêmica.

As aprendizagens que acontecem fora do ambiente escolar, podem ser consideradas ensinamentos de como viver que encontram possibilidade de estudos, de compreensões e de



ressignificações na escola. Os indivíduos aprendem valores, comportamentos, culturas, ciência, atitudes, entre outros aspectos. São esses aprendizados que os auxiliam nas situações que experienciam no cotidiano e expressam como serão as suas reações e atitudes. O que é aprendido nos primeiros anos de vida constitui a base da personalidade de cada indivíduo e determina grande parte das atitudes, em diferentes situações às quais estará sujeito. Se essa formação inicial influencia diretamente no desenvolvimento do indivíduo, porquanto entende-se que ao chegar à escola ele traz conteúdos, modos de viver e compreensões que, quando ignorados, dificultam o processo de construção do conhecimento.

O ensino ofertado e programado nos currículos educacionais mais formais está preocupado com avaliações externas e isso inclui o intuito de melhorar os índices de aprovação, bem como diminuir as evasões e as precariedades nos aprendizados e significados do conhecimento, da sabedoria, da racionalidade na vida pessoal e profissional. Esse movimento, em intencionalidade propagandeada acerca das políticas públicas para a educação, busca preparar os alunos e as alunas para ingressar em níveis superiores de ensino, para a sua formação profissional e, especialmente, para que possam viver com dignidade. No meio social em que vivemos, as influências direcionam os indivíduos a estudar para alcançar profissões que possibilitem uma remuneração maior, para adquirirem padrões de vida mais elevados, com conquistas de bens materiais e ampliação das possibilidades de consumo, no sentido da profundidade e amplitude com que Bauman debate o tema.

Nesse processo, são deixadas de lado questões imprescindíveis na formação humana e olhares pedagógicos que estejam voltados à preparação para a vida, a sua manutenção e defesa, com um compromisso mais universal de todos e todas com a centralidade da vida. Aprender a viver exige conhecimentos além dos científicos, mas da análise do cotidiano e do meio social, das relações interpessoais e essas análises fornecem subsídios valiosos para a construção da aprendizagem no ambiente escolar. Considerar esses aspectos relacionados ao seu cotidiano e à vida fora da escola, proporciona ao/a aluno/a sentir-se mais próximo das reflexões realizadas, pois serão abordadas situações conhecidas que lhes possibilitam participar ativamente dos processos de construção do conhecimento.



Pensar, propor e estruturar uma educação que vá além dos conhecimentos científicos, herméticos, coloca os alunos e as alunas como sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem. Ressignificar a educação preparatória para avaliações formais a fim de torná-la uma educação para a vida, não direcionada somente a formação técnica e profissional, compreende a necessidade de preparar os alunos e as alunas para as adversidades da vida, da existência e para o reconhecimento da interdependência entre os seres e suas formas e manifestações de vida. Ensinar a apreciar as coisas simples do cotidiano, no qual cada momento é único e especial, pode criar laços de desenvolvimento e compreensão da necessidade de pesquisas, de estudos e de conhecimento. Por isso, é interessante estar disponível para aprender constantemente em todas as situações vivenciadas. Buscar a felicidade não é apenas conquistar uma boa profissão, um salário maior e a aquisição de bens materiais. Para nos desenvolvermos e vermos a vida de outra maneira, de modo mais sábio, parece ser necessário considerar o que já decorre do aprendizado de uma vida com sabedoria, pois “[...] nossa participação na felicidade e na plenitude da vida é determinada por nossa percepção pessoal da realidade. [...] Você alcança aquilo que vê!!”. (Powell, 1989, p. 09). Ao educarmos desde cedo para uma visão mais ampla, de reconhecimento e compreensão sobre o que é viver e buscar a felicidade, o processo se antecipa ao ver a realidade de outra maneira, inicia antes e começa a contribuir com o cotidiano dos indivíduos.

Considerar esses aprendizados, permite compreender a sabedoria que chega ao ambiente escolar inscrita nas vivências e experiências dos indivíduos. Analisar, interpretar e refletir sobre essa vida com sabedoria, permite vê-la por outra perspectiva, em busca de um crescimento autêntico e significativo para o indivíduo e para os coletivos, o que nos lembra a *biosofia* enquanto atitude. Ensinar para além da vida escolar, exige essa reflexão sobre aonde estou e para onde quero ir, qual o caminho a seguir e como enfrentar cada situação. A sabedoria de vida - *biosofia* - compreende que “estar vivo em plenitude significa estar aberto [aberta] a toda experiência humana. Não é fácil escalar a montanha, mas a vista do topo é magnífica”. (Powell, 1989, p. 20). Os aprendizados da vida cotidiana são importantes para a formação dos indivíduos, pois permitem compreender a vida enquanto acontecimento cosmológico, amplo, no qual tudo o que é experienciado pode resultar em aprendizagem. Estamos em constante movimento e nossa



evolução é um processo contínuo. Para aproveitarmos cada instante é interessante perguntarmos-nos como é possível “experimentar, desfrutar e aproveitar de maneira mais plena este dia, esta pessoa, este desafio?”. (Powell, 1989, p. 28).

O modo como vemos o mundo influencia diretamente as nossas emoções e como interpretamos e analisamos a nossa realidade, que tem reflexos em nossa saúde emocional e mental. A educação emocional é um ponto interessante na formação para a vida, para saber analisar as situações e controlar as reações e atitudes e auxilia na compreensão de que sempre existe algo para aprender. Essas aprendizagens direcionam alunos e alunas a desenvolver autonomia, autoconfiança e consciência das possibilidades e repercussões de suas escolhas, e sabedoria para gestar as existências. Ao participar ativamente desse processo, as práticas possuem sentido, aguçam a criatividade e a participação. Os/as professores/as propõem situações de diálogo mediado com o intuito de preparar para a vida fora da escola. Nesse horizonte se situa a práxis que, ao relacionar teorias e práticas, amplia conhecimentos e prepara para algo que ainda não é conhecido. (Brougère; Ulmann, 2012).

Discussão

A educação enquanto campo de pesquisa constante opera no sentido do acompanhamento intelectual, cognitivo e afetivo do desempenho dos/as alunos/as e dos reflexos nos seus futuros. Uma educação de qualidade para todos e todas, com o intuito de formar cidadãos e cidadãs críticos, ativos, participativos, não permite apenas a preparação para meras avaliações formais, pois é uma educação que inquieta, faz pensar e planejar novos modos de aprender e ensinar. Por que pensar em uma educação de formação integral para todos e todas? Qual a sua importância na formação de cada indivíduo? A temática da educação para todos e todas, o acesso universalizado a ela, perpassa diferentes momentos históricos. Neste texto ela foi abordada em diferentes momentos históricos, desde a obra *A vida na escola e a escola da vida*, logo em seguida pelo documento da *Declaração Mundial de Educação para Todos*, e continuamos o debate nesse capítulo com proposições e conceituações atuais sobre esse cenário. Pensar e buscar uma educação para todos implica “conseguir, através dela, melhor qualidade de vida e maior dignidade da humanidade como um todo, preservando a diversidade,



mas eliminando a desigualdade discriminatória, assim dando origem a uma nova organização da sociedade” (D’Ambrósio, 2001, p. 02).

A temática do acesso universalizado a educação para todos e todas é palco de diversos debates e estudos, mas ainda encontra dificuldades em sua execução. Nesse viés, Paulo Freire (2021, p. 16), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, propõe que “[...] formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas [...]”. Portanto, proporcionar uma educação de qualidade e com equidade para todos e todas apresenta-se como uma necessidade fundamental à sociedade, a fim de buscar educar cidadãos e cidadãs em perspectiva ética, para que possam agir ativamente em busca de melhorias sociais, ambientais, educacionais, pessoais e da coletividade.

Ao buscar formar cidadãos éticos e cidadãs éticas, os professores e as professoras não podem esquecer da sua responsabilidade de manter e agir com postura ética. Os/as alunos/as observam as suas ações, comparando-as com as suas palavras e, por isso, é necessário que ambas estejam em sintonia, possibilitando que “percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros” (Freire, 2021, p. 18).

A esperança é o combustível para continuar a crer em uma educação que esteja mobilizada em formar para além dos conteúdos escolares. Acreditar que professor/a e aluno/a aprendam juntos/as e juntos/as perpassam os obstáculos encontrados durante os percursos da existência. Afirmar posição como sujeitos da história, é saber que o futuro é uma possibilidade/oportunidade e não está determinado; estamos em constante evolução. Não somos, estamos sendo e assim escrevemos a história ao viver e ao contá-la, pois “ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito *entre* outros sujeitos [...]” (Savater, 2012, p. 35. *Destaque do autor*). Ao compreender que é possível intervir na realidade, adaptar-se não é uma opção. Nenhuma mudança é fácil, mas é possível. Partindo dessas concepções, o desafio da mudança é lançado para os grupos populares para que juntos possam perceber as injustiças que sofrem, a violência a que são submetidos e a compreender que esse não é o seu destino ou algo que está escrito, determinado. A realidade é passível de transformação e compreender essa dinâmica é sabedoria de vida que se abre pela possibilidade de educação para todos e todas. Parece interessante pensar, nessa direção, nas relações estabelecidas, nas trocas realizadas



através da comunicação verbal ou não-verbal, em análises de como o/a outro/a recebe a informação, como está sendo comunicado/a, como participa e é acolhido/a nas instâncias de decisão. De algum modo, essa temática também levanta questões sobre empatia e respeito com o/a outro/a. Ser empático apresenta-se como um aspecto importante para viver em sociedade (Morin, 2015).

Assim, a biosofia enquanto educação para a vida, preocupada com o cuidado, a manutenção e a defesa de todas as manifestações e formas de vida no cosmos, é urgente, inquietante e desafiadora, mas ela possibilita crescimento humano, a fim de que possamos resgatar nosso senso de respeito, cuidado e empatia com todos e todas que pertencem ao meio que em estamos. Essas necessidades urgentes de cuidado e respeito chegam até o ambiente escolar e ignorá-las é ir contra o que compreendemos como humanidade, formação integral e solidariedade. São questões desafiadoras, que nos inquietam e das quais podem surgir novas questões como: por onde começo? O que e como fazer? Questões complexas que desafiam, talvez, as possibilidades de pensar que as respostas estejam no cotidiano escolar, nas palavras a serem ditas. O uso de novas metodologias é uma possibilidade. Não somente daquelas que surgem a partir do desenvolvimento tecnológico, mas de ferramentas de ensino que já existem e podem ser adaptadas de acordo com as novas demandas dos(as) estudantes, direcionado à emancipação, ao desenvolvimento da autonomia e ao pensamento crítico e reflexivo.

Considerações finais

Em uma sociedade cada vez mais individualista e competitiva, parece ser necessário resgatar os valores de cooperação, respeito e solidariedade. Pensar uma educação com essas características parece ser caminho para ampliar os ambientes em que se desenvolve uma educação formal, indo além das salas de aula tradicionais, implementando novos espaços que podem ser mais atraentes, significativos e formadores de integralidade. O resultado pode ser uma comunidade educativa, na qual as trocas realizadas possibilitam uma formação para a cidadania. Uma comunidade que busca uma educação de formação além dos anos escolares, para a continuidade, para a vida, com a permanente busca de conhecimento.



Uma educação orientada para a capacitação profissional é significativa, no entanto, negligenciar outras perspectivas fundamentais para a existência humana em sua totalidade é restringir o significado da vida, o que não seria sensato. Nessa disputa para ver quem alcança mais, os competidores esquecem de valorizar a jornada e as paisagens ao longo do caminho. O tempo avança e, com o foco exclusivamente voltado para o aumento do poder econômico, momentos essenciais se perdem, momentos que nenhum bem material ou dinheiro pode adquirir. As situações simples do cotidiano, como um café da manhã em família, assistir ao nascer ou pôr do sol, um passeio para apreciar a natureza ou ouvir o canto dos pássaros, são instantes preciosos que não podem ser comprados, apenas experienciados. Valorizar as pequenas oportunidades do dia a dia permite enxergar a vida sob uma nova luz, afastando-se da pressa imposta pelas exigências pessoais e profissionais. Além disso, demonstrar empatia, compreender suas próprias necessidades e, a partir delas, as dos outros, e unir esforços para encontrar soluções para os problemas enfrentados, é um sinal de sabedoria que enriquece a vida e, simultaneamente, a aprecia em suas diversas manifestações e formas.

Ignorar as vivências que alunos e alunas trazem para a escola é enfatizar a crença de que apenas o saber científico possui valor e importância. Essa visão perpetua a estrutura social atual, ao validar como superiores os conhecimentos gerados pelas classes dominantes, enquanto relegam ao plano secundário saberes provenientes de contextos populares, muitas vezes considerados incapazes de oferecer contribuições relevantes. Entretanto, a relevância das aprendizagens adquiridas no dia a dia se torna clara ao reconhecermos que, desde os primeiros momentos da vida, dependemos de outras pessoas para aprendermos a existir. São essas pessoas que satisfazem nossas necessidades, nos guiam e nos auxiliam a desenvolver nossa autonomia. Se a experiência do cotidiano não fosse valiosa, não haveria necessidade de receber cuidados, orientações e conselhos desde a infância, nem de compreender como a sociedade é organizada e como o mundo opera. Essas aprendizagens se materializam, principalmente, na interação com outras pessoas e o ambiente, mostrando que o conhecimento transcende amplamente os limites formais da educação escolar.

Considerar o dia a dia no ensino e na aprendizagem ajuda a criar, juntamente com os alunos, conhecimentos que estão mais conectados ao seu crescimento e às suas demandas. As



aulas se tornam mais relevantes quando abordam assuntos que se relacionam com suas realidades, promovendo um forte sentimento de inclusão. É a partir dessa conexão que se ampliam as possibilidades de envolvimento na construção do conhecimento e nas interações. Sob essa ótica, o aprendizado é um processo sem fim, o que permite dizer que a educação abrange toda a vida. O aprendizado ocorre em diversos ambientes e contextos, sempre surgindo a oportunidade de adquirir novas habilidades ou redefinir as competências já existentes. É um movimento contínuo, que nunca chega ao fim.

Em busca de conceituações sobre a possibilidade de relacionar a educação para todos e todas com o sentido que atribuímos para *biosofia*, enquanto sabedoria de vida, compreendemos que a *biosofia* tem condições de incorporar o sentido de educação cotidiana e de educação acadêmica e escolar. Além de pesquisar a *biosofia* como educação integral, à medida que se ocupa com o ser humano nas suas plurais dimensões e com as diversas e variadas formas e manifestações de vida, consideramos as relevâncias pedagógico-educacional encontradas nas preocupações com a vida pautada por reflexões, regulações e conduções, sem descuidar da sabedoria. Vemos aí, também, o papel da educação que precisa chegar a todos e todas.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1999.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas, SP: Autores Associados Ltda, 2012.

CASSOL, Claudionei Vicente. Biosofia: viver com sabedoria – movimento pela continuidade, defesa e qualificação da vida. In: CASSOL, Claudionei Vicente; ZUCHI, Claudir Miguel; MAZZONETTO, Clenio Viane. **Biosofia: movimento em defesa de uma vida com sabedoria**. Frederico Westphalen: URI, 2022. p. 77-92.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Paz, educação matemática e etnomatemática. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 4, n. 8, p.15-33, junho 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da solidariedade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia – tomo II (E-J)**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia – tomo IV (Q-Z)**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

POWELL, John. **Para viver em plenitude**: Uma Nova Vida Através de uma Nova Visão. Belo Horizonte: Crescer, 1989.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2012.

VANI, Juliana. A solidariedade enquanto gesto de doação de vida: práxis que pode acurar o mundo. In: CASSOL, Claudionei Vicente; ZUCHI, Claudir Miguel; MAZZONETTO, Clenio Viane. **Biosofia**: movimento em defesa de uma vida com sabedoria. Frederico Westphalen: URI, 2022. p. 115-128.